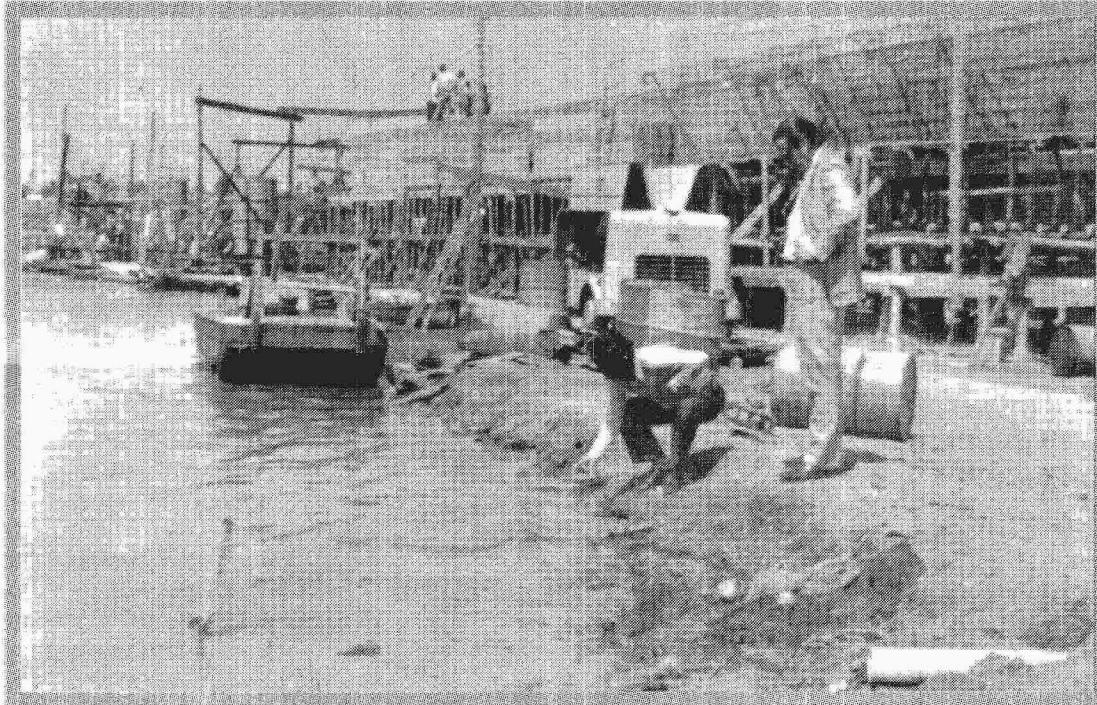




Lourenço Fernando Tamanini

Um estudioso da história da nova capital

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A produção industrial no Brasil não era muito significativa na década de 50. "Quase nada se fabricava aqui, tudo era importado", afirma Lourenço Fernando Tamanini, 80 anos. Nesta época, algumas empresas detinham a exclusividade de importação de bens como eletrodomésticos, brinquedos, máquinas e outras mercadorias industrializadas. Entre elas, a Mesbla S.A. figurava como uma das maiores na América Latina.

A construção de Brasília, por sua vez, era assunto comentado por todos, no Brasil e em muitos países do exterior. Até a inauguração, muitos criticavam o projeto de Juscelino Kubitschek e outros não acreditavam em sua concretização. Mas as grandes empresas não podiam ficar alheias ao que acontecia no Planalto Central. Afinal, a consolidação da capital no interior mudaria o perfil econômico do país definitivamente. Assim, a Mesbla também foi um dos fornecedores de material para a cidade.

Perto da inauguração anunciada, Lourenço, no cargo de chefe de vendas da empresa, foi solicitado a viajar para o futuro Distrito Federal e verificar se a empresa deveria abrir filial na cidade.

Brasília ainda era um canteiro de obras, sendo que as únicas concluídas eram o Palácio da Al-

vorada, o Brasília Palace Hotel e a pista de pouso do aeroporto. A localização destas três obras foi determinada, segundo Lourenço, antes mesmo da escolha do projeto de Brasília por uma questão estratégica. "Era preciso haver a residência do presidente, um hotel para receber autoridades e outros visitantes e uma pista de pouso com grande capacidade, já que o avião seria o principal meio de transporte para cá", explica.

A primeira visita ao Planalto Central, em 1959, deu certeza a Lourenço de que o futuro do país estava aqui e em nenhum outro lugar." A fim de fazer os preparativos para a instalação da filial da Mesbla aqui, o pioneiro mudou-se para Brasília em 1960, antes da inauguração. Já casado na época, a esposa e

os dois filhos pequenos viriam mais tarde, quando houvesse condições de todos serem acomodados. De início, Lourenço ficou hospedado no apartamento de um amigo, na 105 Sul.

O escritório provisório da Mesbla ficava na W3 Sul, que já tinha a mesma aparência de hoje, embora sem árvores e com apenas uma pista de faixa dupla. A filial da empresa seria aberta no Setor Comercial Sul. Com ajuda de Lourenço, a empresa havia adquirido dois terrenos no local e esperava a hora certa de iniciar a construção.

Enquanto isso não acontecia, Lourenço ia conhecendo a cidade e se apaixonando cada vez mais. "Tinha 30 e poucos anos e só pensava em termos de futuro", conta. "Estava claro para mim que viver em Brasília era

a melhor oportunidade de crescimento que alguém podia ter naquela época", completa.

Em junho, a esposa Sylvia Giardi Tamanini, que trabalhava para o governo de Minas Gerais, conseguiu moradia no acampamento da representação de governo, na Vila Planalto. Começava assim a vida da família Tamanini na nova capital.

Desistência

Tudo pronto para a construção da filial da Mesbla, a empresa, entretanto, esperava a decisão das urnas na eleição para presidente da República. A onda de oposição à mudança da capital federal para Brasília era grande e a maior parte dos empresários temia o que aconteceria se o candidato do partido de JK não conseguisse ser eleito.

LOURENÇO ACOMPANHOU DE PERTO TODO O DESENVOLVIMENTO DO LAGO SUL. NA FOTO, DURANTE A CONSTRUÇÃO DA PONTE EM FRENTE AO GILBERTO SALOMÃO

Venceu a oposição e, em janeiro de 1961, ao mesmo tempo em que Jânio Quadros começava o ano como novo presidente da República, muitos investidores deixavam Brasília. Um deles foi a Mesbla. A empresa, para surpresa do pioneiro, que sempre acreditou na consolidação da capital federal em Brasília, desistiu de transferir-se para cá e solicitou o seu retorno ao Rio de Janeiro.

"Me recusei a aceitar e pedi demissão mesmo sem saber o que faria depois", diz. "Eu sabia que os boatos de retorno para o Rio nunca se realizariam porque isto seria o atestado de óbito do país, seria admitir para o mundo que nós não éramos capazes de realizar nada sério", conclui.

Concurso público

A saída da empresa coincidiu com a abertura para as inscrições do primeiro concurso para admissão em cargos do serviço público no país. Até o governo de Jânio Quadros, o único órgão federal que exigia este tipo de seleção era o Itamaraty. "Os outros funcionários públicos eram contratados por indicação e depois de dois anos de serviço eram efetivados por leis votadas no Congresso Nacional", revela.

O concurso era para escolher os funcionários da Prefeitura do Distrito Federal. Lourenço, que era advogado, tornou-se então procurador do que hoje seria o Governo do DF, em agosto de 1961.

O pioneiro chegou a Brasília em 1960 para preparar a instalação de uma filial da Mesbla na nova capital. Depois da eleição de Jânio Quadros, a empresa desistiu, mas o funcionário, não

LOURENÇO COM A FAMÍLIA: O INTERESSE POR BRASÍLIA É TANANHO QUE ATÉ HOJE DE DEDICA A ESTUDÁ-LA

Menos de um ano depois, ele pôde comprar uma casa no modelo HP3, no local onde hoje está a 706 Sul. Ali moravam engenheiros, empresários e outros profissionais liberais que, por não fazerem parte da administração federal, não tinham direito aos apartamentos funcionais.

Foi nesta quadra que Lourenço tornou-se amigo de Gilberto Salomão e acompanhou de perto a história da construção do Centro Comercial Gilberto Salomão e o desenvolvimento do Lago Sul.

História

A paixão pelo Distrito Federal fez com que Lourenço se interessasse cada vez mais por conhecer a história da cidade e registrar tudo o que descobria. Coisa que na condição de pioneiro acompanhou de perto.

Como resultado, tornou-se um dos principais condecorados da história da nova capital, autor de três livros: *Brasília, Memória da Construção — volumes I e II; A Surpreendente História do Lago Sul e Como foi Brasília um dia*.

Os livros contam com detalhes toda a trajetória da transferência da capital para o Planalto Central e sua consolidação. Sobre o Lago Sul, por exemplo, mostra como a região era desacreditada antes da construção do Centro Comercial Gilberto Salomão e a inauguração da primeira ponte, em 1974.

As obras trazem detalhes também sobre as modificações sofridas no projeto original da cidade, de Lucio Costa. Um exemplo é a região onde hoje estão as escolas, hospitais, igrejas e faculdades, na Asa Sul. Pelo desenho do arquiteto, as quadras 700 e 900 seriam destinadas a



hortas, flores e pomares.

Outra modificação foi feita na região onde foram construídos os blocos das quadras 400. Tanto na Asa Sul como na Asa Norte, estas quadras não seriam destinadas a residências. No lado sul de Brasília, a região seria ocupada pelas embaixadas, e no lado norte, pela Universidade. Na prática, o que aconteceu foi que estas destinações não desapareceram, mas ficaram abaixo da avenida L2.

Outro fato interessante contado nos livros diz respeito à construção da barragem do Paranoá. A construção da capital federal foi distribuída entre grandes construtoras, como Nacional, Rabelo etc. Entre estas, havia uma, braço de uma grande companhia norte-americana, chamada de Planalto. A obra da barragem fora entregue a ela, que trabalhava de maneira diferente das demais.

“As diferenças começavam no acampamento, em que as casas de madeira tinham aparelhos de ar condicionado, não tocavam o chão e tinham janelas e portas cobertas de telas para impedir a entrada de insetos”, conta Lourenço. “Continuavam na maneira de

trabalhar, com horários definidos e curtos em relação ao ritmo intenso de trabalho das outras construtoras”, conclui.

O resultado disto foi que a Planalto não conseguiu construir a barragem a tempo e o contrato teve que ser rompido pela Novacap, que assumiu a administração da obra e se comprometeu a entregá-la pronta para a inauguração da cidade.

Por conta da pressa, a Novacap construía a barragem ao mesmo tempo em que fechava as suas comportas. Este trabalho exigia muita habilidade para evitar que o nível da água subisse demais e prejudicasse a construção. A história da tão falada cota mil diz respeito ao nível que o lago deveria alcançar, mas o pioneiro afirma que na verdade a cota nunca foi atingida e a margem do lago na verdade ficou a 994 metros acima do nível do mar.

Crescimento

Em 1972, Lourenço mudou-se para a quadra QI 5 do Lago Sul. A casa, da qual nunca se desfez, foi a primeira construção da região. Lá ficava o acampamento da Companhia Construtora Brasileira de Estradas, a primeira

empresa de terraplanagem que veio para Brasília. Com a preocupação de não mudar o projeto original da construção, ele só trocou a estrutura de madeira por alvenaria, mas manteve portas, janelas e o formato.

Vendo Brasília nos dias de hoje, Lourenço sente orgulho pela cidade que viu crescer. Questionado sobre o crescimento da capital, diz que o ritmo acelerado em que isto aconteceu não o surpreende e talvez também não surpreendesse Juscelino Kubitschek.

“A questão foi colocada em discussão durante uma reunião do presidente JK com autoridades da Novacap e principais construtoras, no Palácio da Alvorada, em agosto de 1958”, conta. “Na oportunidade, foi solicitado a todos presentes que fizessem uma previsão de quantos anos levaria, a partir daquela data, para que Brasília atingisse uma população de 500 mil habitantes”, continua.

A cidade tinha pouco mais de 50 mil moradores na ocasião, a maioria operários da construção. “Na década seguinte, confirmou-se que, dos 13 presentes, JK foi o único a acertar a previsão: 11 anos”, conclui.

“EU SABIA QUE OS BOATOS DE RETORNO PARA O RIO NUNCA SE REALIZARIAM PORQUE ISTO SERIA O ATESTADO DE ÓBITO DO PAÍS, SERIA ADMITIR PARA O MUNDO QUE NÓS NÃO ÉRAMOS CAPAZES DE REALIZAR NADA SÉRIO”

Raio X

Nome: Lourenço Fernando Tamanini
Idade: 80 anos
Origem: Santa Tereza, Espírito Santo
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Procurador aposentado
Esposa: Sylvia Girardi Tamanini (falecida)
Filhos: Fernando, Sérvio Túlio
Netos: Caio (falecido), Pedro, Lívia e Marina